



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**INÁCIA UÊNIA DIONIZIO GOMES**

**DO PALCO PARA A SALA DE AULA:  
LEITURA DO TEXTO DRAMÁTICO NA ESCOLA DO CAMPO**

**SUMÉ – PB  
2013**

**INÁCIA UÊNIA DIONIZIO GOMES**

**DO PALCO PARA A SALA DE AULA:  
LEITURA DO TEXTO DRAMÁTICO NA ESCOLA DO CAMPO**

**Monografia apresentada como ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos. pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé – CDSA.**

**Professora Dra. Valéria Andrade.**

**SUMÉ – PB  
2013**

G633d Gomes, Inácia Uêndia Dionízio.

Do palco para a sala de aula : Leitura do texto dramático na escola do campo. / Inácia Uêndia Dionízio Gomes. – Sumé - PB: [s.n], 2013.

57 f.

Orientadora: Professora. Dra. Valéria Andrade.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Unidade Acadêmica de Educação do Campo. Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Texto dramático. 2. Educação do campo. 3. Leitura. 4. Dramaturgia Paraibana. 5. Lourdes Ramalho. I. Título.

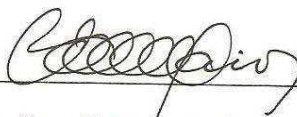
CDU: 37(043.3)

**INÁCIA UÊNIA DIONIZIO GOMES**

**DO PALCO PARA A SALA DE AULA:  
LEITURA DO TEXTO DRAMÁTICO NA ESCOLA DO CAMPO**

**Data de aprovação 26/09/2013**

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Profa. Dra. Valéria Andrade  
Orientador**



---

**Prof. Me. Duffio Pereira da Cunha Lima  
Examinador**



---

**Prof. Esp. Almir Anacleto de Araujo Gomes  
Examinador**

*Dedico este trabalho à minha mãe Maria Marinês e a meu pai Severino Gomes que sempre acreditaram em mim, me mostrando que sou capaz de alcançar todos os meus sonhos. Dedico também a duas pessoas que estiveram presentes comigo em espírito minha avó paterna Regina Amara e meu tio José Dionizio.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter guiado minha árdua caminhada, e por ter me proporcionado tantas boas oportunidades, me dando força para superar toda ou qualquer dificuldade que aparecia em meu caminho.

Agradeço imensamente a minha querida orientadora Valéria Andrade, por ter me ensinado no decorrer do curso o verdadeiro papel de um educador, além de me guiar com muita paciência, em todo o caminho de produção de minha monografia.

Ao professor Suetonio de Farias de Matias que cedeu suas aulas e seu tempo para a aplicação de minha pesquisa, se mostrando sempre muito educado e disponível.

A toda a turma do 9 ° ano da escola Jornalista José Leal Ramos do município de São João do Cariri que contribuíram com minha pesquisa, bem como toda a direção da escola, corpo docente e demais funcionários.

A toda a equipe de professores da Universidade Federal de Campina Grande, que contribuíram imensamente para a minha formação como educadora.

A toda a equipe de técnicos administrativos e demais funcionários.

A toda a minha família que sempre me apoiou em minha caminhada. A minha mãe Maria Marinês e meu pai Severino Gomes, que me ensinaram a ser a pessoa que sou hoje, a meu irmão José Urbano, companheiro de todas as horas, e a minha avó materna, Josefa Bezerra, por todo o conhecimento que sempre me transmitiu.

Aos meus tios José Dionizio, Maria Marizete, Antonio Dionizio, José Gomes e João Bezerra, pela força que me deram, bem como meus afilhados Pedro Henrique e Helen Lais, por todo o amor e carinho e a todos os meus primos pelo incentivo.

A todos os meus amigos do curso de Licenciatura em Educação do Campo em especial a Aluizio Ferreira, Jozilene Ferreira, Jarbas Oliveira, Marco Antonio e Viviane Araujo, por todo o companheirismo que me dedicaram.

As minhas amigas irmãs Joshenilda Oliveira e Maria da Guia, por toda a amizade e paciência que me dedicaram nesses quatro anos de luta.

A coordenação, supervisão e equipe de bolsistas do PIBID/LECAMPO, pela imensa contribuição para a minha formação acadêmica.

A Sonia Maria e Alanny Carla, por ter me recebido em sua casa fora de hora sem nunca reclamar do horário.

Enfim agradeço imensamente a todos e todas que fizeram parte de minha caminhada durante esses abençoados quatro ano.

*Alice: Quanto tempo dura o eterno?*

*Coelho: Às vezes apenas um segundo.*

**(Lewis  
Carroll, *Alice no das País Maravilhas*)**



## RESUMO

A presente pesquisa tem como fio condutor o quadro de carência em relação à leitura e sua prática nas escolas de Ensino Fundamental no país em especial no que se refere à leitura literária. Com o objetivo de se diagnosticar tal carência especificamente em relação ao gênero dramático, como há de se obter novas possibilidades de leitura literária na sala de aula, foi desenvolvida uma experiência de leitura junto a alunos do 9º Ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, localizada em São João do Cariri, tendo como foco a leitura de “O Diabo Religioso”, texto dramático escrito por Lourdes Ramalho, autora cuja dramaturgia discute e reinventa a realidade sociocultural do Nordeste brasileiro.

**Palavras-chave:** Leitura. Texto dramático. Lourdes Ramalho.

## RESUMEN

La presente pesquisa tiene como hilo conductor el cuadro de carencia en relación a la lectura y su práctica en las escuelas de Enseñanza Fundamental en el país, en especial en lo que se refiere a la lectura literaria. Con el objetivo de diagnosticarse tal carencia específicamente en relación a lo género dramático, como también de desarrollarse nuevas posibilidades de lectura literaria en aula de clase, fue desarrollada una experiencia de lectura junto a los alumnos del 9º Año de la *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos*, ubicada en la ciudad de *São João do Cariri-PB*, teniendo como foco la lectura de “*O Diabo Religioso*”, texto dramático escrito por Lourdes Ramalho, autora cuya dramaturgia discute y reinventa la realidad sociocultural del Nordeste Brasileño.

**Palabras-claves:** Lectura literaria. Texto dramático. Lourdes Ramalho.

## **LISTA DE SIGLAS**

**SOBREART**- Sociedade Brasileira de Educação por meio da Arte ..... 31

**PCN'S**- Parâmetros Curriculares Nacionais ..... 37

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. A LEITURA DENTRO E FORA DA SALA DE AULA</b> .....	13
2.1 O QUE É LER .....	13
2.1.1 A Importância da Prática da Leitura na Sala de Aula .....	15
2.1.2 A Leitura de Mundo .....	17
2.1.3 A Leitura no Campo e do Campo .....	18
2.2 CONCEPÇÕES E TEORIZAÇÃO DA LITERATURA PARA A LITERATURA INFANTIL .....	19
2.2.1 Teorizando a Literatura.....	19
2.2.2 Concepções Acerca do Fazer da Literatura.....	20
2.2.3 A Mimese Poética.....	22
2.2.4 A Literatura Infantil .....	23
2.2.5 Da Literatura Infantil para o Teatro Infantil.....	25
2.3 LEITURA LITERÁRIA E A DRAMATURGIA DE LOURDES RAMALHO.....	27
2.3.1 Vida.....	27
2.3.2 A Dramaturgia de Lourdes Ramalho e a Formação de Leitores Críticos .....	28
2.3.3 Lourdes Ramalho e o seu Diabo Religioso .....	29
2.4 TEXTO DRAMÁTICO E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES.....	30
2.4.1 A Estrutura do Texto Dramático .....	30
2.4.2 O Texto Dramático na Formação de Leitores .....	31
<b>3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS</b> .....	33
3.1 ESCOLA JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS.....	33
3.2 TURMA E PROFESSORES PESQUISADOS .....	33
3.3 RELATO DETALHADO DOS DADOS COLETADOS .....	34

3.4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS .....	36
3.5 REFLEXÃO .....	40
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE A - PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS, SOBRE O TEXTO “O DIABO RELIGIOSO” .....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO A - FOTOS DA REALIZAÇÃO DA DINÂMICA E DA LEITURA DE “O DIABO RELIGIOSO” .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO B - RESPOSTAS DA ENTREVISTA REALIZADA COM O PROFESSOR.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho com a leitura no âmbito escolar é de suma importância uma vez que a leitura tem se tornado cada vez mais um fator preocupante em nossas escolas em todas as séries e áreas de conhecimento. Para um aprimoramento da leitura, e maior proveito por parte de quem lê, nós, educadores, precisamos levar para a sala de aula textos de todos os gêneros literários.

Infelizmente nem todos os gêneros literários estão presentes em nossas salas de aula. No que se refere especialmente à literatura dramática, o que se percebe é que alunos, em diferentes séries escolares, nunca tiveram contato com textos dramáticos ou quase nada sabem a respeito, o que os impede de visualizar não só a riqueza destes textos bem como todos os fatores culturais e sociais relacionados a sua constituição e seu desenvolvimento.

Foi pensando nesses aspectos que percebi como seria interessante diagnosticar, no espaço escolar, qual o conhecimento que se têm sobre o que é um texto dramático, e suas principais características, bem como apresentar a importância e as riquezas de um texto dramático, uma vez que percebi, quando cursei a Disciplina Estudo do Texto Dramático, como é importante para o estímulo da leitura trabalhar com textos dramáticos.

O meu Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica acrescida de observações e uma experiência de leitura desenvolvidas em uma turma do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal, localizada no Alto do Cruzeiro s/n, São João do Cariri, Paraíba. O propósito da pesquisa foi perceber, por meio da prática da leitura do texto dramático, qual é o contato que os alunos têm com esse gênero literário, e, além disso, promover uma ponte entre os alunos e texto dramático.

Minha pesquisa teve como ponto de partida o estudo do universo que engloba a construção e estrutura de um texto dramático, bem como aspectos relacionados à promoção e à prática da leitura em sala de aula, já que esta é uma pesquisa de cunho educacional e exige um referencial teórico e conceitual correspondente.

A pesquisa foi desenvolvida em quatro momentos. No primeiro momento realizei observações de aula a fim de perceber qual o contato dos alunos em seu cotidiano escolar com a leitura de gêneros literários. No segundo momento realizei uma dinâmica com a turma, para constatar qual era o conhecimento dos alunos sobre texto dramático. No terceiro momento realizei um debate com a turma sobre texto dramático e uma entrevista com o professor da turma para saber se ele trabalha o texto dramático em suas aulas. No quarto e último momento

fizemos a leitura do texto dramático seguindo de uma produção escrita dos alunos para verificar, suas impressões sobre o texto.

O texto utilizado para a leitura foi “O Diabo religioso,” de autoria da dramaturga paraibana Lourdes Ramalho. O texto escrito para o público infanto-juvenil, tem três personagens femininos e seis masculinos, e aborda questões inerentes à religiosidade e à natureza humana, mostrando o Diabo que manda seus dois filhos, Capiroto e Belzebu, para a Terra, afim de lá aprenderem a fazer maldades.

Lourdes Ramalho foi escolhida porque além de ter um belo e rico acervo de textos dramáticos, é autora de uma produção que reinventa a regionalidade do povo nordestino, e apresenta diversas questões e problemas que enfrentamos hoje em nossa sociedade, além de contribuir para a formação de leitores críticos.

No segundo capítulo desta monografia explicito as concepções e autores que utilizei como estudo e base para a minha pesquisa, mostrando primeiramente concepções acerca da leitura, sua importância e alguns tipos de leitura, e em seguida, o fazer da Literatura, a mimese poética, a literatura infantil e o teatro para crianças, a vida e dramaturgia de Lourdes Ramalho, bem como os conceitos e a importância do texto dramático para a formação de leitores.

No terceiro capítulo apresento primeiramente a caracterização da escola onde realizei a pesquisa, turma e professor com quem interagi como também faço um relato e uma análise de todos os dados coletados e ações desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

No quarto capítulo apresento as minhas considerações finais, bem como todo o processo de ensino-aprendizagem que construí ao longo da pesquisa.

## **2 A LEITURA DENTRO E FORA DA SALA DE AULA**

### **2.1 O QUE É LER?**

O processo de leitura se configura de modo abrangente, tanto no que se refere às diversas maneiras de ler, como no campo de estudos e teorias sobre o que é este processo e as várias possibilidades de desenvolvê-las com bons resultados.

Os estudos mais recentes têm destacado a perspectiva interacional de leitura, ou seja, aquela em que o ato de ler se desenvolve a partir da interação entre o autor, o texto e o leitor,

na qual, entre outros procedimentos, o leitor procura guiar-se pelo objetivo que tem para realizar determinada leitura. Isso que dizer que para ler com eficiência temos que ter um objetivo que guie a leitura. Olhando de outra forma sempre lemos para alcançar alguma finalidade que se abre em um leque de diversidades, pois podemos ler um jornal para obter uma informação, ou ler um livro para uma prova ou trabalho, ou ler simplesmente porque gostamos do livro e do autor.

Sobre o processo de leitura interacional, Koch (2008, p. 10) afirma que:

A leitura, assim, é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguístico presentes na superfície textual e na forma organizacional, mais requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

O processo da leitura depende em grande parte, portanto, do “objetivo de leitura” e do foco adotado para a leitura do texto, tanto que se duas pessoas lerem o mesmo texto com finalidades diferentes, cada uma terá sua própria visão e entendimento sobre o texto.

Para se compreender melhor o processo de aquisição da leitura devem-se levar em conta fatores que ocorrem quando a criança está aprendendo a ler e procura encontrar no texto um “significado”. Ao longo da vida adulta nós também vamos procurando nos textos esse/s “significado/s”.

Como nos ensina Solé (1998) o significado de um texto é uma construção do leitor:

Ainda com relação às implicações da minha primeira afirmação sobre o que é leitura, gostaria de ressaltar o fato de que o leitor constrói o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha sentido ou significado; felizmente para os leitores, essa condição costuma ser respeitada. Estou tentando explicar que o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos. (SOLÉ, 1998, p. 22).

Quando lemos um texto construímos o nosso próprio entendimento sobre seu conteúdo a partir de um processo que envolve o conhecimento prévio que já possuímos sobre o tema, e também sobre o mundo em geral. Mesmo dominando o tema, sempre vamos construir uma nova visão sobre o que está escrito, construindo assim um processo contínuo de leitura e “desleitura”, ou seja, de construção desconstrução e reconstrução dos significados.

Se lermos ao longo da vida o mesmo texto várias vezes, a cada leitura iremos extrair elementos diferentes, o que possibilita que a cada leitura, mesmo que seja de um único texto,



nos proporcione constituir novas visões a partir dele. Isso implica dizer que além da variedade de tipos de texto também contamos com a pluralidade da leitura.

Segundo Solé (1998), a variedade de leitura:

[...] não afeta apenas os leitores, seus objetivos, conhecimentos e experiências prévias. Os textos que lemos também são diferentes e oferecem diferentes possibilidades e limitações para a transmissão de informações escritas. Não encontrando a mesma coisa em um conto que em um livro de texto, em uma enciclopédia que em um jornal. O conteúdo muda, naturalmente, mas não se trata apenas disto.(SOLÉ, 1998, p.22).

A pluralidade da leitura se estende aos diferentes textos que lemos, para tanto se torna importante que conheçamos as estruturas do texto para que consigamos desenvolver bem a leitura e compreender bem o texto, construindo o seu significado.

Para ler necessitamos decodificar os sinais linguísticos e estabelecer o objetivo que temos para fazer aquela leitura. Além disso, nossas ideias e conhecimentos prévios contribuem também para o nosso processo de leitura, afinal quando lemos acrescentamos ao nosso baú de conhecimento mais elementos.

### **2.1.1 A importância da prática da leitura na sala de aula**

Hoje em dia, apesar de algumas mudanças em relação a um passado pobre de livros lidos na escola, ainda encontramos na sala de aula alunos com pouca ou com nenhuma bagagem de leitura. Isto ocorre porque a leitura realizada pelos educadores em sala de aula não atinge seus objetivos: formar bons leitores e bons escritores. Porém deve-se reconhecer o esforço da maioria dos professores para que haja uma valorização da leitura no ambiente escolar.

Isabel Solé discute o problema da leitura na escola afirmando:

Considerando que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que é a leitura, na forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da escola, dos meios que se arbitram para favorecê-las e, naturalmente, das propostas, não representam o único nem o primeiro aspecto; considerá-las de forma exclusiva equivaleria, na minha opinião, à construção de uma casa pelo telhado. SOLÉ, 1998, p. 33).

Para se superar o problema da falta de prática da leitura no ambiente escolar se faz necessário que se conceitue mais o que é leitura, levando para a sala de aula textos que estimulem a leitura por prazer e isto deve ser discutido nos planejamentos e explicitado no Projeto Curricular da escola.

O problema da falta de leitura na escola começa com a má formação de nossos educadores. Os nossos profissionais de educação que atuam em sala de aula deveriam conhecer realmente aquilo que vão ensinar para que possam formar em suas salas de aula leitores críticos e para essa formação é necessário que o educador tenha tido, ele também, uma boa formação.

Todos os educadores devem ser formados com um olhar voltado para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, ou seja, formar um educador mudado para que ele possa mudar as suas práticas e assim tentar mudar a realidade do mundo escolar.

O estímulo da leitura na sala de aula deve ser feito em qualquer momento da aula e não apenas na disciplina de Língua Portuguesa. Disciplinas como Matemática, Química e Biologia, por exemplo, podem ser importantes no estímulo à leitura, já que para se realizar a atividade é necessário ler o seu enunciado, interpretando para se chegar às fórmulas e aos cálculos.

Para Solé (1998, p. 34), o trabalho de leitura pode e deve ser desenvolvido de diversas maneiras na escola:

Atualmente, na escola e ao longo da etapa fundamental, dedicam-se várias horas por semana à linguagem, em que se situa uma parte importante do trabalho de leitura (em geral, costuma-se prever um horário de biblioteca nas escolas, tanto na sala de aula como nos aposentos destinados a este objetivo). Além disso, a linguagem oral e escrita encontra-se presentes nas diferentes atividades próprias das áreas que constituem o currículo escolar. Assim, para muitos professores, a linguagem é trabalhada continuamente. (SOLÉ, 1998, p.34).

A leitura deve ser trabalhada a todo o momento e em todas as disciplinas porque afinal a linguagem é utilizada em vários momentos na escola, portanto se faz necessário que todas as áreas de conhecimento trabalhem integradas no processo de leitura na sala de aula.

Para chamar a atenção dos alunos para a leitura é necessário que o professor proporcione momentos de prazer e estimule a curiosidade dos alunos, utilizando o livro como instrumento de diversão e de aprendizagem dentro da sala de aula, mostrando-lhes como é prazeroso conhecer e manipular o livro. O professor só consegue formar bons leitores se ele próprio for um leitor competente. E um dos fatores para se formar um bom leitor é a prática

de leitura prazerosa, assim a leitura pode constituir cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

O ensino da leitura deve ser desenvolvido a partir das reais necessidades dos alunos e a escola deve proporcionar as condições e práticas para que ocorra um ensino interativo da leitura. Para atingir esse objetivo é necessário que a escola passe por um processo de auto avaliação, visando superar o modo ultrapassado de se trabalhar a leitura em muitas de nossas escolas.

É necessário que o ato de ler se torne para os alunos uma prática significativa e prazerosa de modo a estimular futuras leituras, bem como um recurso para a formação de leitores e escritores criativos que possam compreender e analisar o mundo onde vivem.

### **2.1.2 A leitura de mundo**

Quando se fala em leitura a primeira imagem que se tem é a de alguém lendo um livro ou um jornal, dificilmente associando-se a leitura a algo que não seja concreto, porque o ato de ler usualmente está relacionado ao ato de escrever, em que o leitor é visto meramente como um decodificador da letra. No entanto, quando analisamos o mundo a nossa volta estamos fazendo uma leitura do meio onde vivemos, ou seja, a primeira e principal leitura que fazemos é a leitura do mundo.

Sobre a leitura do mundo, Martins (1994), afirma que:

Também as investigações interdisciplinares vêm evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo. (MARTINS, 1994, p.12).

Antes de lermos textos escritos/verbais lemos o mundo ao nosso redor, desde um simples gesto, passando por ler o espaço físico/geográfico e tantos outros “textos”, como o olhar de alguém. Uma criança, por exemplo, quando nasce e é amamentada, sentindo o calor e o toque de sua mãe, está fazendo uma primeira leitura do ambiente ao seu redor.

Portanto, aprendemos a ler vivendo, interagindo com o mundo e com as pessoas. Deve-se ressaltar obviamente que jamais se pode deixar de lado a leitura de livros e passar a ler somente o mundo. As duas maneiras de ler devem andar de mãos dadas, como nos ensina o educador Paulo Freire (1994, p.30): “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

### **2.1.3 A leitura no campo e do campo**

Considerando as necessidades mais específicas das pessoas que nascem e crescem no campo, e sabendo-se que lêem o ambiente onde vivem desde seu nascimento e que quando crescem, sua leitura de mundo vai sendo a cada dia mais aprimorada, a escola deve não só trabalhar de acordo com as necessidades destes alunos como também trabalhar os meios em que vivem.

Sobre a riqueza da literatura produzida neste contexto, Pinheiro (2008) afirma que:

[...] toda uma riqueza de versos, de imagens, de revelações do modo de ser de um povo que vem sendo lentamente descoberta e devidamente valorizada. São experiências humanas e artísticas que, durante séculos, estão à margem da literatura erudita e são, além de desconhecidas por milhares de estudiosos e professores, totalmente ausentes dos grandes compêndios de história da literatura brasileira. (PINHEIRO, 2008, p.35).

As obras produzidas no campo são riquíssimas, pois além de retratar a beleza e a diversidade do campo, também o exaltam e o valorizam. Infelizmente, mesmo sendo tão rica, a literatura produzida pelos povos do campo é pouco divulgada e pouco estudada, o que impede que esse tipo de literatura alce voos mais altos.

A literatura produzida neste contexto traz muito da cultura do povo do campo, mostrando como é importante o ambiente onde as pessoas que ali vivem e para a construção de suas humanidades, contribuindo para a sua formação de opinião e visão de mundo.

Ainda segundo Pinheiro (2008):

Grande parte da poesia popular, nascida da experiência do povo, sobretudo da vivência no campo com seus ciclos (entre nós nordestinos, verão x inverno, ou seja, tempo de chuva e tempo de sol), seus animais de estimação, colheitas de legumes revelam encantamento e densidade que nada fica a dever à considerada poesia erudita. (PINHEIRO, 2008, p.43).

As pessoas do campo (tanto quanto as da cidade) não aprendem só na escola, mas também com o seu cotidiano de que fazem parte o crescimento das frutas e verduras, a correnteza do rio e outros eventos da natureza. Estas pessoas também, da mesma forma que as de outros contextos sociais, antes de ler qualquer livro lêem o mundo ao seu redor, ou seja, aprendem a ler vivendo.

E se torna muito importante para a aprendizagem não só das pessoas do campo, como das demais pessoas vivendo em outros contextos, a prática da leitura em sala de aula, e a experiência com diferentes gêneros literários também é importante, seja o narrativo e o lírico, que mesmo limitadamente, já frequentam o espaço da escola, seja o dramático, este ainda tão pouco presente no cardápio das leituras escolares.

## 2.2 CONCEPÇÕES E TEORIZAÇÃO DA LITERATURA PARA A LITERATURA INFANTIL

### 2.2.1 Teorizando a literatura

Pode-se afirmar que a literatura surge como que atrelada à história da humanidade, uma vez que, encontramos textos desde os primórdios mais remotos da história da civilização. O estudo e análise destes textos literários são importantíssimos, pois ajudam a compreender e montar um panorama sobre as origens da literatura, seus fins e seus meios.

Para compreender um pouco a origem da literatura podemos tomar como base a literatura grega que foi de suma importância para a história da literatura ocidental.

Segundo Souza (2004, p.10) a literatura ocidental em seus primórdios, ou seja,

[...] esses textos literários mais antigos, entre os quais avultam os poemas homéricos - a *Ilíada* e a *Odisséia* -, já trazem em si próprias as primeiras considerações da literatura como um objeto sobre o qual são necessários certos esclarecimentos, o que implica não aceitá-las como uma evidência acerca de que nada cabe dizer. Em outros termos, o que problematiza pela primeira vez a literatura é a própria literatura [...]. (SOUZA, 2004, p. 10).

Na *Ilíada* e na *Odisséia* encontramos passagens que exaltam a ação narrativa e as funções de natureza poética e o poder de um bom discurso. Assim, a análise de alguns trechos nos faz refletir sobre o entendimento da origem e da função da literatura por meio de atos heróicos, sendo a literatura um ensinamento dos deuses para nós mortais.

Souza (2004) afirma que:

[...] Essa teoria assim pode ser descrita: a origem da literatura é o ensinamento dos deuses; sua natureza consiste em ser uma narrativa dotada de especial poder de encantamento; sua função é reconstituir com fidelidade as ações dos heróis, decorrendo dessa tríplice determinação a elevada consideração de que o poeta desfruta na comunidade. (SOUZA, 2004, p.11).

Pode-se observar que uma teoria da literatura surgida a partir do entendimento de que o fazer poético seria um dom divino, passível, portanto, do desejo dos deuses, não seria uma teoria tal como hoje se concebe, seja por não ter um conceito formado, tampouco por não discutir métodos de investigação. Mas deve-se salientar que a contribuição grega para a literatura é monumental e não só pela *Ilíada* e pela *Odisséia*, mas também por diversas outras obras importantes produzidas, entre elas, por exemplo, a *Teogonia*, de Hesíodo, e tantas outras contribuições.

É, afinal, com dois autores da Antiguidade Grega, Aristóteles e Platão, que a literatura assume um caráter mais definitivo e crítico, já que ambos dedicam-se a produzir várias obras acerca da discussão sobre uma “teoria literária”, nelas discutindo a composição e a formação de senso crítico, modificando o que a civilização ocidental sabia sobre a literatura e levantando diversas questões sobre a produção literária, aguçando o desejo de se conhecer mais a literatura em si.

A história da literatura é, além de rica, complexa, e não é por acaso que encontramos diversas teorias acerca de sua constituição e surgimento ao longo da história, satisfazendo desde os primórdios da humanidade a necessidade de traçar e trabalhar os conflitos e anseios da vida cotidiana.

### **2.2.2 Concepções acerca do fazer da literatura**

Assim como temos diversas abordagens sobre o surgimento da literatura, também encontramos diversas concepções sobre o que de fato é o fazer da literatura. No sentido mais amplo há os que afirmam que a literatura resume-se a ser um instrumento ou habilidade de se escrever e ler bem, ou simplesmente a arte de se escrever de forma artística. Considerando as leituras que tive oportunidade de realizar, entendo que a literatura é a imagem e a

transfiguração da própria vida, é por meio dela que expressamos os nossos anseios, amores e desencontros.

Segundo Candido,

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2004, p. 174).

Desta maneira podemos afirmar que a literatura é uma expressão que a humanidade utiliza desde seus primórdios, ou seja, fazemos literatura desde que o mundo é mundo, e de maneiras diversas utilizando sempre o que se tem de melhor em nossa cultura. Assim pode-se dizer que a literatura é feita da melhor porção do ser humano.

Ainda segundo Candido (2004, p. 174),

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso [...]. (CANDIDO, 2004, p. 174).

Utilizamos a literatura em nosso dia-a-dia, porque não conseguimos passar um dia sequer sem nos entregamos ao universo sonhador, que ocorre dentro do ônibus, em uma conversa com um amigo ou na leitura de um livro. Neste sentido e de uma maneira muito exagerada, me arrisco em dizer que de certa forma dependemos da literatura para sobreviver, afinal podemos imaginar como seria monótono um mundo sem sonhos.

Dessa maneira nenhuma pessoa pode passar um minuto sem literatura. Por isto, como já afirmou Antonio Candido, todos os seres humanos devem ter o direito a viajar pelo universo fabuloso da literatura. Uma vez que, segundo Candido, “a literatura é o sonho acordado das civilizações”, precisamos colocar em prática os mais loucos e remotos sonhos e a literatura nos proporciona esse poder.

Temos direito à literatura porque ela se torna um importante instrumento na formação de cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade, proporcionando equipamentos intelectuais e afetivos. As diversas manifestações da literatura nos proporcionam trabalhar problemas atuais, mesmo que tomemos como base obras produzidas séculos atrás, porque mesmo já estando escritas elas se renovam ao longo dos anos, foi que sempre que lemos encontramos algo novo, reconstruindo nosso mundo.

A literatura é uma aventura, assim como é uma “aventura viver”. Em nossas vidas encontramos diariamente diversos obstáculos que devem ser enfrentados. Da mesma maneira, a literatura nos propõe obstáculos que devem ser ultrapassados, tornando-se uma construtora do que somos e de como vivemos.

Quando temos um livro em nossas mãos cabe a nós lê-lo e interpretá-lo, e tirar dele noções básicas para a nossa vida. Este fator se modifica de acordo com o onde e quando lemos, porque quando o texto é lido, por exemplo, em sala de aula sua leitura pode gerar conflitos de identidade, constituindo um processo de formação, transcendendo e cumprindo as regras estabelecidas pela vida.

A literatura é, portanto, aquela que traz à tona o que nós temos de pior e de melhor, apesar dela sempre ser a melhor porção de nós, porque ela é feita de acordo com os nossos conflitos e desejos mais íntimos, ela é arte de viver. Assim pode-se afirmar que vivemos literatura ao longo de nossas vidas.

### 2.2.3 A mimese poética

Mimese é um conceito que tem sido analisado e discutido ao longo de séculos por diversos estudiosos desde o tempo da Grécia Antiga até os dias atuais. Grosso modo, mimese significa “imitação”, não simplesmente uma imitação, mas sim uma imitação da vida ou uma representação da vida, um processo de produção de conhecimento.

Segundo Gonçalves:

[...] O que fascina Aristóteles é a maneira como a obra parte da realidade, não para repeti-la (imitá-la), mas para representá-la (ou reconstruí-la). Insistiu-se durante séculos na teoria da imitação, mas se preferirmos entender a *mimeses* como representação, fica bem clara a atualidade do texto *Poético*. (GONÇALVES, 2005, p.33).

Um texto produz a mimese quando não só parte da realidade como também a reproduz, ou seja, me arrisco a dizer que a mimeses ocorre quando a “literatura imita e reproduz vida.”

Em nós leitores a mimese produz um processo de tomada e retomada, afinal quando lemos tomamos para nós uma pouco da obra, e a transformamos devolvendo-a de outra maneira. Ainda segundo Gonçalves (2005), esta tomada para si que o leitor faz da obra,



[...] trata-se da tão decantada catarse. Independentemente da especificidade do termo, com sua ênfase no processo de purgação, temos de admitir que toda grande obra produz efeitos no leitor, podendo eventualmente traduzir-se num processo de liberação emocional. (GONÇALVES, 2005, p.33).

Quando lemos um texto traduzimos o que está escrito e o levamos para a nossa realidade, lemos o texto e o reproduzimos em nossa realidade fazendo assim um processo contínuo de produção e reprodução de significado.

Se analisarmos as grandes obras gregas, por exemplo, do ponto de vista da mimese, veremos que elas recriam constantemente a realidade, uma vez que essas obras nos trazem um universo ilimitado, porque desde a Antiguidade até os nossos dias encontramos nelas temas atuais que condizem com a realidade que vivemos hoje. Sendo assim, podemos afirmar que estas obras estão em constante processo de “recriação” e que elas se renovam à medida que as vamos lendo, tornando a literatura um produto já pronto, mas ao mesmo tempo inacabado, que vamos moldando ao longo dos anos, mediante as leituras que dela fazemos.

Para Platão a mimese é aquela que representa as aparências do mundo dito real, ou seja, a mimeses representa a imitação da realidade, ou para ser mais exata uma mera cópia da vida. Enquanto que para Aristóteles a mimeses é uma forma de reinvenção da vida.

Gonçalves (2005), ao discutir sobre a teoria platônica, considera que:

Curioso é que já houvera, entre os gregos, alguém com inegável cabedal filosófico e, como sabemos, amante da Literatura. Mas este não escreveu nenhuma poética, já que em sua visão a Literatura deveria ser banida do mundo, porque ela representa (imita) uma realidade que, para ele, é já de si, uma cópia imperfeita de um mundo ideal. A condenação platônica nasce exatamente dessa visão da Literatura como “cópia da cópia”, portanto algo duplamente afastado da verdade realidade, isto é, a do mundo ideal. (GONÇALVES, 2005, p. 34).

Vendo por este lado, a literatura seria considerada algo que apenas reproduz um mundo imperfeito que é idealizado e nunca será alcançado, uma mera cópia da realidade, que não se aprimora nem se modifica, apenas reproduz.

Compreender literatura faz parte de um dos anseios mais profundos da humanidade, se tornando uma das grandes necessidades humanas, já que a literatura é feita dos nossos sonhos, sendo algo que diz respeito a nossa própria natureza.

#### **2.2.4 A literatura infantil**

A literatura infantil vem estabelecendo há muitos anos um vínculo importante com a educação, porque se consolidou como fator de relevância na formação dos pequenos leitores e

um estímulo à leitura para leitores de todas as idades. Pais e professores chegaram a um consenso de que a literatura infantil deve ser estimulada em nossas escolas e salas de aula.

A importância da literatura infantil para o estímulo a leitura, como também seus principais aspectos têm promovido ao longo dos anos diversos estudos e análises.

Segundo Cademartori (2010), nos tempos de formação da literatura infantil os escritos que eram destinados às crianças, escritos por adultos, tinham o objetivo de ensinar valores, hábitos e ajudar a enfrentar a realidade social, ou seja, sua leitura tinha apenas o intuito de instruir, porque nessa época a criança era tida como um adulto em miniatura, que participa da vida adulta tomando contato com essa literatura.

Com o passar dos anos, o conceito de criança foi mudando e a criança passou a ser considerada como o ser em formação que de fato é, e um outro tipo de literatura começava a ser criada e desenvolvida para ela. Neste período, crianças de famílias com maior poder aquisitivo liam os grandes clássicos e as crianças das classes populares liam lendas e contos folclóricos. Com o passar dos anos, alguns autores começaram a coletar estas lendas e transformá-las em grandes clássicos que até hoje são lidos e encantam diversas crianças ao longo das gerações.

Entre os autores que reescreveram estas narrativas podemos citar o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho), os irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel) e Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador) e muitos outros que coletaram contos folclóricos que até hoje fazem parte do imaginário e da leitura de diversas crianças por todo o mundo.

Os contos recolhidos não só por Perrault como pelos irmãos Grimm e tantos outros se tornaram um importante começo para a literatura infantil que temos hoje, afinal estes contos são contados e recontados há muitos séculos, e eles são um importante paradigma para uma definição sobre a literatura infantil.

Conforme nos esclarece Cademartori (2010) o que torna a literatura infantil importante para uma criança, além de outras funções que cumpre junto ao seu leitor, “é o fato de ela propiciar determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos- no espaço de liberdade que só a leitura possibilita, que instituição nenhuma consegue oferecer”[...] (p.9)

Além disso, fazer da literatura infantil deve estar adequado ao público que o lê. Está adequação vai desde o estímulo às linguagens verbal e a visual, procurando-se deste modo adequar às vivências da criança, a fim de estimular o seu mundo imaginário e, porque não também de todas as outras pessoas de diferentes faixas etárias.

A literatura infantil, portanto, além de contribuir para ampliar o repertório de informações e a habilidade de escrever das crianças proporciona lhes viver uma aventura, ou seja, a leitura só será estimulante se permitir que a criança leia o que está escrito, seja em imagem ou em palavras e tome como sua forma de linguagem, fazendo assim um processo de exploração e aquisição de conhecimento do mundo. Nos últimos anos, a maioria dos livros destinados às crianças se dividem entre a linguagem verbal e visual, muitos deles possuindo uma ou outra.

Portanto, segundo Cademartori (2010), se analisarmos o percurso da literatura infantil desde seus inícios, perceberemos seu “crescimento”, ao longo dos séculos, se desprendendo um pouco do mundo dos adultos, se tornando autônoma, e contribuindo efetivamente na educação e formação de cidadãos conscientes e críticos de seu papel na sociedade.

### **2.2.5 Da literatura infantil para o teatro infantil**

De certa forma, pode-se dizer que literatura infantil e teatro infantil andam juntos, primeiro porque ambos são feitos, quase exclusivamente, por adultos para crianças e, segundo, porque ambos tentam e cumprem objetivos pedagógicos, ou seja, utilizar seus escritos e a encenação para ensinar algo.

Uma pergunta que deve ser levada sempre em consideração quando levamos nossas crianças para o teatro, é: Qual experiência a criança terá ao assistir esse espetáculo? Ou melhor, dizendo: Qual a vivência que ela levará para a sua vida? Para responder estes questionamentos, tomo de início, as ideias de Tadeu (2011), que afirma:

[...] A criança que é levada ao teatro para ver um espetáculo pode ter uma experiência que lhe agrada, ou não, pois cada sujeito tem uma recepção diferente. Nada nos garante que um espetáculo, do qual temos gosto por ele, irá afetar a criança da maneira que queremos. (TADEU, 2011, p. 19).

Quando levamos uma criança ao teatro temos que levar em consideração o gosto da criança pelo espetáculo em questão, porque nem sempre o que queremos que elas assistam é o que elas realmente querem assistir. O teatro para crianças deve ser aquele que mexa com o imaginário da criança, proporcionando a ela se divertir e entrar no mundo do “faz de conta” e vivenciá-lo.

Como afirma Tadeu (2011) o “faz de conta” da criança não é considerado o momento em que ela brinca, porque a brincadeira se situa em um momento à parte e necessário da vida da criança. Mas o “faz de conta” no mundo do teatro está ligado ao jogo teatral, ou seja, quando a criança brinca de “faz de conta” no mundo do teatro está se expressando de forma lúdica, mostrando e interagindo com o mundo.

Com o que já foi dito será que podemos formar uma ideia geral do que é teatro infantil, ou melhor, dizendo: teatro para crianças? Acredito que teatro infantil deve respeitar as fases do desenvolvimento da criança, mostrando aspectos que estão ligados a sua vivência, deixando sempre espaço para ela completar e participar do jogo teatral, levando temas relacionados à sua faixa etária e trabalhando fatores externos para que a criança consiga participar e perceber acontecimentos que vão acontecendo no desenrolar da sua vida. Para Tadeu (2011), o teatro infantil não precisa, necessariamente, apresentar propostas pedagógicas, ou seja:

[...] não tem a obrigatoriedade de ensinar, mas deveria insinuar e deixar brechas para que o público complemente, interprete ou faça suas próprias leituras daquilo que está vendo. Na cena teatral para a infância tudo cabe, mas nem tudo pode. (TADEU, 2011, p.21).

O teatro infantil de qualidade deve, portanto, deixar aberturas, ou mesmo, espaços vazios para que a criança interaja e construa o seu conhecimento de acordo com a sua vivência ao longo da encenação. O teatro deve ser leve, respeitando o tempo da criança, salientando-se que a criança pensa e age diferente dos adultos.

Um espetáculo feito para crianças é aquele que instiga todos os sentidos da criança, desde a visão à audição, e chegando ao tato, deixando espaço para que a criança veja e sinta tudo que a rodeia. Isto pode ser proporcionado por meio do vestuário, do cenário e até mesmo com a forma dos atores se movimentarem no palco, porque o ator em uma peça para crianças deve interagir com o público, fazendo com o que eles se sintam parte integrante do espetáculo teatral.

Portanto, teatro infantil é aquele feito de acordo com a vivência da criança e deve respeitar a sua forma de pensar e agir. Por seu lado, o adulto frente ao teatro infantil tem a responsabilidade de ser um condutor da criança ao seu mundo imaginário, ou seja, acompanhando a criança em seu mundo de imaginação.

## 2.3 LEITURA LITERÁRIA E A DRAMATURGIA DE LOURDES RAMALHO

### 2.3.1 Vida

Seu nome de batismo é Maria de Lourdes Ramalho, nasceu em 23 de agosto de 1923, no sertão de Jardim de Seridó, cidade de fronteira entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba.

Sua família é constituída por artistas e educadores, sua mãe era professora e dramaturga, seu bisavô Hugolino Nunes da Costa era violeiro e repentistas e seus tios atores, cordelistas e violeiros, ou seja, em sua infância segundo Andrade (2011), Lourdes teve além de uma boa educação formal, um ótimo estímulo artístico, já que cresceu ouvindo cantorias de viola e histórias que lhes eram contadas por vendedores de cordel, e foi assim que ela aprendeu a valorizar sua cultura e o seu povo.

Ao longo de sua carreira Lourdes Ramalho constituiu uma importante aliança com a poesia popular que surge do seu contato com o seu bisavô e com os cantadores e cordelistas que encontrou ao longo de sua história de vida, que foi sendo agregada a sua dramaturgia.

Sobre a obra de Lourdes Ramalho, Andrade e Lúcio (2008) assinalam:

Durante cerca de trinta anos, entre 1940 e 1970, é na sala de aula e em grêmios artísticos estudantis que Lourdes Ramalho encontra espaço para suas atividades de animação cultural, voltadas notadamente para a cena teatral e já então anunciadas como projeto para uma vida inteira. (ANDRADE; LÚCIO, 2008, p. 7-8).

De acordo com Andrade (2011), Lourdes Ramalho “brinca de teatro desde criança”, já que, ainda menina produzia suas peças e coordenava os ensaios, rasgando seus escritos logo que terminava a “brincadeira”, dando uma sobrevida muito curta aos seus textos. Foi nesta época que as primeiras versões de alguns de seus textos para crianças foram escritas.

Segundo Andrade (2011) Lourdes Ramalho constituiu o seu percurso:

[...] de educadora, dramaturga e encenadora- à imagem e semelhança do de sua mãe, estabelecendo claramente o vínculo entre duas gerações de mulheres artísticas, comprometidas, de um lado, com projetos educacionais progressistas e, de outro, com a preservação dinâmica das tradições da comunidade sertaneja a que pertenciam. (ANDRADE, 2011, p. 33).

Lourdes Ramalho herdou o seu potencial artístico de sua mãe, estabelecendo uma ponte entre duas gerações de grandes mulheres. Foi com a prática cotidiana de professora que Lourdes passou a lembrar e transcrever os seus escritos de criança, construindo novamente suas obras do tempo em que ela “brincava de teatro”.

Com o passar dos anos, mais especificamente no período pós-Segunda Guerra Mundial, os escritos da autora vão tomando um caráter de crítica social, debatendo temas regionais e nacionais que nos inquietam.

Segundo Andrade (2011), em 1950 Lourdes Ramalho se muda para Campina Grande-PB, se fixando definitivamente na cidade. Essa mudança foi muito importante, pois foi neste contexto que muitos dos textos produzidos na infância e adolescência passaram a ser encenados em outros espaços que não o escolar. Em 1960 seu nome começa a ganhar destaque com a sua entrada para a presidência da Sociedade Brasileira de Educação por meio da Arte-SOBREART, intensificando o seu trabalho com os grupos cênicos da cidade. Em 1975 ocorre a primeira encenação de “As velhas”, dando projeção ao nome de Lourdes Ramalho dentro e fora do país.

Ainda como destaca Andrade (2011), Lourdes Ramalho também se caracteriza como uma importante pesquisadora de fontes históricas, por muitas vezes utilizando sua própria árvore genealógica, para dar reconhecimento, por exemplo, às raízes socioculturais judaicas do povo nordestino.

Em toda a sua carreira Lourdes Ramalho escreveu obras que podem ser consideradas patrimônios da humanidade. Sendo uma apaixonada por teatro, já assinou perto de cem textos teatrais, nos gêneros mais variados, sendo vários encenados, muitos deles publicados em livros.

### **2.3.2 A dramaturgia de Lourdes Ramalho e a formação de leitores críticos**

Os textos teatrais escritos por Lourdes Ramalho são de grande interesse tanto se analisarmos suas estruturas como a beleza de seus escritos. Em suas obras estão presente fatores que nos intrigam e nos proporcionam olhar os acontecimentos de nossa sociedade de forma mais crítica.

Nas obras desta autora são discutidos temas diversos, como por exemplo, a infância em “Maria Roupas de Palha”, o conquistador homem e a mulher pobre lutando pela sobrevivência iludindo e encantando em o “Romance do Conquistador”, a religiosidade, a inocência e as brincadeiras populares em “Anjos de caramelada”, a velhice, a traição e o amor proibido, além de fatores sociais em “As Velhas”, e a lutado povo por seus direitos, em o “Diabo religioso”. Sobre isto Andrade e Lúcio (2008) afirmam que:

Espécie de marca d'água de toda a produção dramaturgica de Lourdes Ramalho, a crítica social comparece no seu repertório para crianças de forma bem acentuada. Mas esta não é a finalidade do texto que se sustenta na musicalidade do verso de sete sílabas, na recorrência a temas e personagens que povoam o imaginário do povo, utilização do humor e principalmente da brincadeira. (ANDRADE; LÚCIO, 2008, p.15).

A crítica social é muito desenvolvida nas obras de Lourdes Ramalho seja na produção para crianças ou na destinada aos adultos, porém não é só de crítica que se faz suas obras. Sua dramaturgia se compõe de vivências e desejos de pessoas comuns e por isso, certamente, são tão verossímeis.

A presença de costumes e hábitos cotidianos de pessoas comuns, sobretudo do Nordeste brasileiro, é bastante expressiva na dramaturgia de Lourdes Ramalho. Será por isto que quando nós nordestinos lemos suas obras nos reconhecemos nelas, suas falas e ações são as mesmas que usamos diariamente, resgatando e reconstruindo um laço com o modo de viver da região. Obviamente que este modo de ver o mundo não é compreendido apenas pelo povo nordestino, o povo de outras regiões do país tem o prazer de ver expressas as delícias e lutas das pessoas deste lugar principalmente pela maestria da autora em conjugar o regional com o universal.

Apesar de trazer para as suas obras o regional, Lourdes fala de problemas sociais de forma universal, uma vez, que sempre que lemos as suas obras reconhecemos nelas facilmente o modo de vida do povo Nordestino, mas os problemas e temáticas expressas em suas obras são de caráter social, tornando os seus personagens representantes do povo brasileiro.

Portanto, pode-se afirmar que nas obras de Lourdes Ramalho, estão expressos não só os seus principais desejos e anseios, como também grande parte dos nossos próprios sonhos. Em seus escritos existe uma ponte entre a autora e seu leitor, porque quando lemos suas obras podemos não só refletir com a realidade como também, de certa forma, conversar com a autora.

### **2.3.3 Lourdes Ramalho e o seu “Diabo Religioso”**

Por entre a vasta obra de, Lourdes Ramalho destacam-se vários textos dos quais tem alguns em grande destaque, e pode-se citar o “O Diabo Religioso”, escrito em verso para o público infanto-juvenil, contendo três personagens femininos (Moça, Beata e a Mulher) e seis

masculinos (Diabo, Capiroto, Belzebu, Menino, Velho Cego e o Político). Sua trama aborda questões inerentes à religiosidade e à natureza humana, a partir do episódio, ocorrido no Inferno, em que o Diabo manda seus dois filhos, Capiroto e Belzebu, para a Terra, afim de ali aprenderem a fazer maldades.

O “Diabo Religioso” é um texto que discute a dualidade entre o céu e o inferno, ou melhor, entre o bem e o mal, deixando bem explícito que todos nós temos internamente um lado bom e um lado mal, ou seja, nem somos bons o tempo todo e nem maus o tempo todo.

O texto também chama a atenção para os conflitos das pessoas em situação cotidiana, quase sempre divididas entre o que se diz ser o certo e o errado. Neste sentido temos um diabo que só quer fazer o bem, e outro que tenta fazer o mal, mas nunca consegue, porque no fundo ele não quer fazer mal a ninguém.

A impunidade política que assola o nosso país e a luta do povo por seus direitos também estão presentes na obra, alertando-nos Lourdes Ramalho:

Amigos que nos assistem  
Cuidado com enganações!  
Pois em toda a parte existem  
Diabretes e diabões!  
Que, com mentiras, persistem  
A enganar as multidões!

O cuidado que temos que ter com quem e porque colocamos no poder, para que, futuramente não sejamos pisados e maltratados por quem deveria estar cuidando de nossos direitos e nos protegendo. No final do texto o político é pisado pelos dois diabos, isto é uma alusão ao poder de que o povo tem quando se une para enfrentar a impunidade.

## 2.4 TEXTO DRAMÁTICO E A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

### 2.4.1 A estrutura do texto dramático

Os textos dramáticos se diferenciam de textos narrativos, porque enquanto o texto narrativo está narrando (contando) um determinado fato, mediado pelo narrador, o texto dramático narra mostrando as ações da história, além de possuir em sua estrutura o diálogo que nesse caso também se assemelha a estrutura do texto narrativo, a rubrica e o conflito que prevalecem no texto dramático.

Sobre a relação entre texto narrativo e texto dramático, Prado (1981) afirma que:



A personagem teatral, portanto, para dirigir-se ao público, dispensa a mediação do narrador. A história não nos é contada mas mostrada como se fosse de fato a própria realidade. Essa é, de resto, a vantagem específica do teatro, tornando-o particularmente persuasivo às pessoas sem imaginação suficiente para transformar, idealmente, a narração em ação: frente ao palco, em confronto direto com personagem, elas são por assim dizer obrigadas a acreditar nesse tipo de ficção que lhes entra pelos olhos e pelos ouvidos. (PRADO,1981, p. 85).

Se o texto narrativo estimula a imaginação do leitor, mediante a interação entre este e as ideias do autor do texto, o texto dramático imprime este estímulo de forma muito mais direta, porque funciona como se deslocasse o leitor propriamente para dentro da ação dramática, que é mostrada e não apenas narrada.

A ausência do narrador é uma característica que especifica a natureza genérica de um texto, uma vez que, devido a esta ausência, o texto dramático utiliza a fala do personagem para dar ação ao texto, com o intuito de que, a partir do diálogo, o leitor visualize as características e maneiras de ser e as ações do personagem.

Como observa D’Onofrio (2007):

Outra característica diferenciadora do gênero dramático é o aspecto temporal: se o gênero narrativo sempre se refere ao passado (conta uma história que já aconteceu) o lírico se refere ao presente (exprime um sentimento do eu poético), o dramático visa o futuro: expõe a problemática dolorosa de uma situação existencial como o fim de estimular a mudança do status quo. (D’ONOFRIO, 2007, p. 127).

Estas diferenças são mostradas ao leitor, que compreende a história vendo a cena em seu imaginário e transformando em cena imaginária a cena “real”, formando em sua mente a fisionomia do personagem, o cenário, o figurino e a movimentação, ou seja, possibilitando ao seu leitor “viver” a história.

O texto dramático quando “nasce” traz consigo elementos em sua estrutura que permitem a encenação, porque o objetivo primeiro de um texto dramático é permitir ao leitor realizar uma atividade dramática (atividade de ação) a partir do texto, permitindo-lhe transitar entre a literatura, a leitura e a cena.

#### **2.4.2 O texto dramático na formação de leitores**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) indicam que o aluno tenha contato com diversos tipos de texto. No entanto, infelizmente, por razões inúmeras, muitos gêneros

literários são deixados de lado e a literatura dramática é uma das menos trabalhadas em nossas escolas.

Isto porque o teatro não tem no Brasil um público em geral. O povo brasileiro em sua grande maioria não tem o teatro como uma expressão artística, não é apreciador do teatro e não o frequenta, por diferentes razões.

Esta ausência do texto dramático na sala de aula especificamente como material utilizado para leitura pode ser entendida a partir do que afirma D' Onofrio (2007) sobre este gênero literário:

Alguns estudiosos consideram o gênero dramático como uma arte separada da literatura. Isso por que é a representação cênica da peça que fundamenta o teatro. Em verdade, a arte cênica engloba a arte literária e outras artes. O espetáculo teatral é composto de uma constelação de signos: imagens visuais, auditivas, musicais, rítmicas, pictóricas entrelaçam-se, formando uma intressitura harmoniosa. (D'ONOFRIO, 2007, p. 125).

Assim como o texto cênico, o texto dramático é composto por diversas linguagens, e um caminho para buscar uma aproximação do público com o teatro seria incentivar em nossas escolas a leitura de textos dramáticos. Trabalhar a leitura de textos dramáticos em nossas escolas públicas minimizaria, a longo prazo, o déficit de leitura de nossos alunos, além de colocar o teatro na formação integral de nossas crianças e adolescentes.

Na maioria das vezes o texto dramático é tomado como algo que interessa apenas às pessoas envolvidas com o universo do teatro, o que traz à baila uma grande discussão sobre as possibilidades de ampliação das habilidades de leitura mediante a dramaticidade contida nos textos escritos para o palco.

O trabalho com texto dramático pode se iniciar em sala de aula e terminar no palco, já que o texto dramático é um elemento permanente da representação teatral. Uma vez que o espetáculo teatral dura o tempo de sua apresentação, toda vez que o texto é encenado novamente, apesar de manter-se o mesmo, terá uma realização cênica será diferente.

Um texto dramático quando lido proporciona ao seu leitor o poder de decodificar os signos apresentados no espetáculo teatral, e esse leitor, quando decodifica o que está escrito, consegue construir em seu imaginário o cenário, os personagens produzindo o seu próprio espetáculo teatral.

### **3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS**

#### **3.1 ESCOLA JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS**

A Escola Jornalista José Leal Ramos está localizada no Alto do Cruzeiro s/n, município de São João do Cariri, Paraíba, e contempla os anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a EJA, funcionando nos períodos da manhã, tarde e noite.

No ano de 2013 a escola contabilizou o total de 300 estudantes matriculados, sendo que 151 deste total do sexo feminino e 149 do sexo masculino, possuindo um total de 08 turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, 06 do Ensino Médio e 02 da EJA.

O corpo docente da escola é constituído por 04 professores de Língua Portuguesa, 01 de Espanhol, 01 de Inglês, 04 de Matemática, 01 de Ciência, 03 de História, 03 de Geografia, 01 de Biologia, 01 de Física, 01 de Química, 01 de Artes e 01 que leciona Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso, contabilizando o total de 22 professores.

A escola possui 08 salas de aula, 01 secretaria, 01 cozinha industrial, 02 banheiros para alunos e 01 para funcionários e professores, 01 quadra esportiva coberta, 01 sala de computação, 01 biblioteca e 01 sala de leitura e 01 laboratório de Ciências.

Uma pesquisa realizada em Maio de 2013 pela diretoria da escola constatou que cerca de 44% do seu alunado reside na zona urbana, mais exatamente 132 alunos moram na sede do município, enquanto que 56% residem na zona rural, mais exatamente 168 alunos moram em sítios nas proximidades da escola, o que a torna praticamente uma escola do campo.

#### **3.2 TURMA E PROFESSOR**

A experiência que realizei para a elaboração desta monografia foi desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Jornalista José Leal Ramos, formada por 15 alunos na faixa etária entre 14 e 26 anos, sendo que 02 são repetentes e estão fora da faixa etária indicada para cursar o Ensino Fundamental de forma regular.

Os alunos desta turma moram, em sua grande maioria, em sítios nas proximidades de São João do Cariri e dependem de transporte escolar para chegar à escola. Os alunos são bem disciplinados e, durante a etapa inicial da experiência, quando das minhas primeiras observações daquela realidade, pareceram bem interessados no conteúdo das aulas, sempre questionando o professor quando tinham dúvida.

O professor de Língua Portuguesa se mostrou muito receptivo à minha pesquisa, e “entregou” em minhas mãos a turma em muitas aulas para que eu pudesse desenvolver minha experiência.

Nas observações que realizei durante as aulas de Língua Portuguesa pude perceber que o professor tem um bom relacionamento com a turma e sempre procura trazer o lúdico para a sala de aula.

O citado professor pareceu dominar bem todos os conteúdos que foram trabalhados em sala de aula, sempre incentivando os alunos a lerem para a produção de seminários e no enunciado de suas questões. Infelizmente não pude visualizar como o professor trabalha os gêneros literários em sua sala de aula, já que não trabalhou nenhum enquanto eu observava suas aulas. Quanto ao gênero dramático, ele informou que não costuma trabalhá-lo em sala de aula.

### 3.3 RELATO DETALHADO DOS DADOS COLETADOS

- **Observações de aula dos dias 02, 09 e 16 de Julho**

Nos dias 02, 09 e 16 de Julho estive presente às aulas de Língua Portuguesa da referida turma, afim de fazer observações para montar um panorama geral sobre o perfil dos alunos e do professor, e, em seguida perceber se e como o professor trabalha a leitura de gêneros literários, em especial gênero dramático, em sala de aula.

No dia 02 de julho o professor trabalhou o uso do Onde e Aonde, Mas e Mais, por meio de um exercício incluído em uma apostila produzida pelo próprio professor. A aula iniciou-se com uma explicação de como e quando devemos usar Mas, Mais e Más. Os alunos tiveram um pouco de dificuldade de entender um pouco o que é e como usar cada um, mas responderam bem o exercício que foi corrigido logo a seguir pelo professor.

No dia 09 o conteúdo trabalhado tratou de Conotação e Denotação. O professor iniciou a aula escrevendo no quadro negro frases que utilizavam tanto a conotação como a denotação

e pediu que os alunos indicassem quais eles achavam que eram a primeira e a segunda. Após muitos erros e risadas da turma o professor explicou o assunto em questão e passou atividade da apostila a ser feita em casa e entregue na aula seguinte, com atribuição de nota.

Na aula do dia 16 de julho foi trabalhada a produção de textos descritivos. O professor explicou o que é um texto descritivo e pediu que os alunos trouxessem para a aula seguinte um texto descritivo como base o local onde vivem ou um fato já ocorrido em seu dia a dia, para ser entregue e lido na próxima aula.

- **Aplicação da Dinâmica sobre texto dramático, dia 23 de Julho**

No dia 23 de Julho desenvolvi com a turma uma dinâmica relacionada ao texto dramático. Iniciei a aula perguntando aos alunos o que era uma narrativa, para, em seguida, explicar o que era um texto dramático, buscando esclarecer a diferença entre o “narrar” do texto narrativo e o “narrar mostrando” de um texto dramático.

Para a dinâmica, trabalhei com retângulos de cartolina, cada um indicando, por escrito, as principais características de um texto dramático (narrar mostrando, ação, exposição, conflito, personagem e diálogo) e as principais características de outros gêneros literários e não literários. A dinâmica iniciou-se com uma colagem no quadro negro, intitulada “Texto dramático e suas principais características”. A seguir os alunos tiveram que se levantar ir até a mesa do professor e pegar e colar os vários retângulos de cartolina abaixo do título que correspondessem às características de um texto dramático. O intuito da dinâmica era perceber qual o conhecimento deles sobre o tema. Os alunos se divertiram bastante com a dinâmica, em torno da qual toda a turmas e envolveu.

- **Entrevista com o professor e debate com a turma, dia 30 de julho**

No dia 30 de julho, realizei uma entrevista com o professor regente da turma, procurando deixá-lo bem à vontade. A entrevista foi bastante proveitosa, tendo o professor respondido todas as questões de bom grado. Após o término da entrevista fui para a sala de aula e realizei um debate com os alunos, levando uma apostila que continha as principais características de um texto dramático (O que é, como se estrutura, seus elementos e características). Os alunos se envolveram no debate, formulando perguntas de interesse sobre o texto dramático.

- **Leitura do Texto “O Diabo Religioso” de Lourdes Ramalho, dia 06 de agosto**

No dia 06 de agosto realizei com a turma a leitura de “O Diabo Religioso”, de Lourdes Ramalho. A princípio dividi a turma em três grandes grupos, para que eles realizassem a

leitura. Infelizmente esta estratégia não deu certo, porque eles começaram a conversar e deixaram o texto de lado. Sendo assim, perguntei se algum deles queria vir à frente e ler o texto. Muitos alunos se disponibilizaram, então fui atribuindo a cada um deles um personagem, e assim eles foram lendo o texto, sempre parando para rir e comentarem o que achavam engraçado e interessante no texto.

Após a leitura perguntei-lhes o que mais chamou a atenção no texto, e que tipo de texto era aquele. Respondido meu questionamento, e após ter tirado todas as dúvidas que surgiram sobre o texto, solicitei que cada um escrevesse o que mais chamou a atenção naquele texto de Lourdes Ramalho.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

- **Observações de Aula**

Nas observações de aula que realizei na referida turma percebi que o professor não trabalhou a leitura em sala de aula de nenhum gênero literário. Por outro lado, estimulou a leitura em sala de aula, por meio da produção de textos descritivos. Em seguida à apresentação de trechos de textos descritivos como exemplo, solicitou que os alunos os lessem e depois produzissem um texto descritivo, de acordo com suas ações cotidianas.

Outro ponto que anotei em minhas observações refere-se à necessidade de se trabalhar bastante na turma a leitura, uma vez que, na leitura do texto descritivo, os alunos se confundiram bastante com algumas palavras.

No que se refere às atividades relacionadas ao conteúdo Conotação e Denotação, e ao uso do Onde, Aonde, Mas e Mais seria muito interessante o trabalho com textos literários entre, eles o dramático, ou até mesmo uma leitura em si, em vez de se limitar-se à resposta de questões e de montagem de frases. A leitura de poemas, cenas e narrativas curtas tornaria o trabalho mais rico, promovendo, inclusive, a descoberta de novos gêneros literários e textuais.

- **Aplicação da Dinâmica:**

No decorrer da dinâmica desenvolvida constatei logo de início que, para alguns alunos, o texto dramático é aquele que “conta uma mentira”. Para esses alunos o texto dramático é aquele texto em que o autor conta uma mentira no começo e no fim diz a verdade.

Já para outros alunos o texto dramático é aquele que “Você lê e chora”, isto por causa da palavra dramático, que em suas concepções quer dizer algo triste. Citando um garoto da turma, “Texto dramático é aquele que tem uma grande tragédia no fim”.

Outro ponto a destacar é a relação que os alunos fazem entre o texto dramático e o texto narrativo, ou melhor, entre o narrar contando deste e o narrar mostrando daquele. Para eles o texto dramático mostra porque agente pode ver suas ações representadas. Citando outro aluno da turma, “No teatro agente pode ver o texto”, ou seja, eles entendem o texto dramático relacionando-o com sua versão encenada, algo para ser visto e não apenas como algo para ser lido.

A realização da dinâmica teve grande relevância para minha pesquisa porque constatei que os alunos nunca tinham sequer ouvido falar sobre um texto dramático. Quando lancei a pergunta “Vocês saberiam me dizer o que é um texto dramático?”, nenhum dos alunos soube responder corretamente.

As respostas obtidas no decorrer da dinâmica contribuíram para delimitar o horizonte de minha pesquisa, porque confirmei como deveriam ser os passos seguintes, e em quais questões deveria estar centrada a entrevista com o professor. Além disso, me certifiquei de que, antes de realizar a leitura, deveria realizar um debate com a turma, ao longo do qual fossem evidenciadas as principais características de um texto dramático.

- **Debate e entrevista com o professor**

Na entrevista realizada com o professor da turma, constatei pelas respostas dadas que na turma analisada as leituras literárias são incentivadas por meio de contos, crônicas e romances, que são lidos para a apresentação de seminário, feitos pelo professor para atribuir de nota. Isso mostra que o professor estimula a leitura e promove a leitura de gêneros literários diversos em suas aulas.

Outro aspecto importante obtido com a entrevista diz respeito ao fato de que o professor nunca trabalhou o texto dramático em suas aulas e em sua concepção os alunos trazem de outras séries uma bagagem sobre a leitura de texto dramático. Contudo esta bagagem se resume à encenação, ou seja, para este professor os alunos compreendem o texto dramático apenas como uma etapa do processo de encenação, e que deve ser lido apenas para o teatro e não, por exemplo, para o estímulo da leitura.

Para o professor, o trabalho com o texto dramático em sala de aula deve seguir uma sequência didática, que se inicia com explicações acerca das principais características do texto, para depois promover a encenação de textos dramáticos que devem ser encenados pelos

alunos. O professor também defende que não só a leitura literária deve ser estimulada na sala de aula, mas sim todo e qualquer tipo de leitura.

Após a entrevista, realizei o debate com os alunos, levando para a sala de aula uma apostila que apresentava as principais características de um texto dramático. No debate, percebi que os alunos tiveram muita dificuldade em entender, por exemplo, o que é o conflito na estrutura de um texto dramático. Para eles a palavra conflito significa briga e se há um conflito em um texto é porque “os personagens estão brigando”. Texto dramático seria feito, na concepção destes alunos, única e exclusivamente para a encenação e os “atores” só o lêem para ensaiar suas “falas”.

Com realização do debate pude constatar que os alunos compreendem o texto dramático apenas como um momento do processo de encenação, ou seja, o texto dramático é aquele estudado e lido só para a realização de espetáculos teatrais e jamais para a leitura, como atividade lúdica e de fruição.

- **Análise da leitura**

A leitura de “O diabo religioso” foi muito satisfatória, pois envolveu o conjunto dos alunos, e mesmo os que não estavam “fazendo” um personagem do texto acompanhavam atentamente a leitura de seus colegas. Neste sentido posso afirmar que a leitura conseguiu prender e mobilizar toda a turma.

Ao término da leitura perguntei aos alunos que tipo de texto era aquele e quais os pontos do texto mais lhes haviam chamado a atenção. As respostas foram variadas. Apenas dois identificaram o texto como sendo dramático, outros afirmaram que era uma narrativa, e outros disseram que era um texto “cheio de diálogos” e que não lembravam que tipo de texto era aquele, mas que “seria legal encená-lo”. Com estes comentários os alunos deixavam perceber que, apesar de não terem tido contato com o texto dramático até aquele momento, compreendiam à sua maneira o que é um texto dramático, na medida em que o do destacaram texto lido muitas características de um texto dramático.

A leitura também provocou diversas inquietações na turma no que se refere às temáticas abordadas no texto, relacionadas a questões religiosas, políticas e principalmente sobre as drogas. As falas dos alunos foram reveladoras e a maioria deles percebeu o texto como um grande alerta para o perigo das drogas, como também para o cuidado que devemos ter com os políticos, por serem eles grandes “enganadores de multidões”. Houve também referências de que Capiroto não era o filho do Diabo e sim um anjo, porque fazia coisas boas. Não há dúvidas de que “O Diabo Religioso” tocou os alunos e os deixou inquietos a respeito de



inúmeras dificuldades que enfrentamos diariamente em nosso país, fazendo com que eles olhem de maneira diferente para certos problemas que atingem nossa sociedade.

- **Produção escrita**

Na produção escrita dos alunos constatei que apenas dois alunos identificaram o texto como sendo dramático. Estes alunos, aqui denominados G e N, afirmaram em suas escritas que o texto de Lourdes Ramalho é um texto dramático. No caso do aluno G, foi destacada a presença das funções da linguagem no texto, conforme transcrição a seguir:

“Na aula passada aprendemos as funções de linguagem sabemos que neste texto tem funções Referencial, Metalinguística, fática, lembrando também que isso é um texto dramático. O texto também nos ensinou que não devemos cair em mentiras das multidões e que devemos observar as coisas boas.”

O aluno citado encontra no texto as funções referencias metalinguísticas e fáticas, anteriormente trabalhadas pelo professor e traz em sua produção textual aspectos do texto que o inquietaram como as questões políticas e sociais, a exemplo do que ocorre também com o aluno N:

“Fala também da moça com as drogas o modo como ela vive e tal e que fala também que em todo lugar podemos encontrar pessoas dessas formas ou piores do que mostrou nesse texto dramático e além disso bem engraçado, divertido que pode nos passar muitas coisas em relação as práticas erradas.”

Também o aluno N aponta aspectos que chamaram a sua atenção na leitura do texto, como o uso de drogas, fazendo uma relação entre o texto e as ações que ocorrem em nosso cotidiano.

Os alunos denominados O e E destacara a estrutura do texto com suas rimas e diálogos. Para o aluno E:

“O texto foi legal pois ele é composto por rimas o que deixa a aula mais divertida, fala que o político é pior que o diabo, fala que os filhos do diabo não conseguem fazer coisas ruins...”

Para este aluno o texto ser construído em verso é muito importante, pois para ele é isto que deixa o texto divertido. Para o aluno O, o texto só é engraçado por causa dos diálogos:

“Esse texto chamou muito atenção, gostei dos personagem e os nomes deles, o diálogo entre eles foi muito bom, eu acho que esse texto é muito legal para a pessoa ler e rir. Na maior parte do texto é poesia, os personagem são muitos legais. Isso faz o texto ser um pouco extrovertido, divertido, isso é muito interessante.”

Diferentemente do aluno E, o aluno O considera que o ritmo do texto é dado pelo diálogo, e, além disso que os nomes dos personagens deixam o texto interessante. Assim apesar de não reconhecerem o texto como dramático, os alunos E e O identificaram nele características importantes de um texto dramático.

Na escrita dos alunos L e M evidencia-se o entendimento que tiveram sobre o texto. Nas palavras do primeiro:

“Eu achei legal o texto, interessante!!! Falou que o diabo era religioso KKKK, imagina só um diabo fazendo um oração!!!

Entendi que os políticos são tão temidos que nem o diabo pode!!! O diabo tem dois filhos um bom e outro ruim mais nem um dos dois consegue fazer o mal!!!

E no final os dois diabos se uniam para matar o político!!!”

O aluno L faz uma associação entre o céu e o inferno, utilizando-a para fazer uma relação entre o mundo religioso e certos contextos problemáticos de nosso país como o da política.

O aluno M destacou que o texto apresenta aspectos importantes de nosso cotidiano:

“O texto foi bem legal teve um grande diálogo que fala quase do nosso cotidiano fala de religião de política e drogas bebidas e o título do texto ele já dá quase todo o sentido do texto é o que chama atenção é que o diabo e o santo no final se uniam para acabar com o político.”

Na escrita deste aluno percebemos que ele fez uma associação entre o texto e o modo de viver do povo nordestino, principalmente no modo de falar, ressaltou também questões sociais como o uso de bebidas e drogas.

Posso afirmar que a leitura e a produção escrita dos alunos mostrou como o trabalho com a leitura de gêneros literários diversos é importante para a prática de leitura na sala de aula, uma vez que se precisa trabalhar com diferentes tipos de gêneros em sala de aula, e esse trabalho com a leitura estimula já que só se aprende a ler lendo.

### 3.5 REFLEXÃO

Toda a pesquisa realizada contribuiu para a minha aprendizagem, aprendi muito tanto com a pesquisa bibliográfica como com a pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica aprendi que existem diversos tipos de leitura, e como é vasto o fazer da literatura e do teatro, além de fazer uma viagem pela vida e obra de Lourdes Ramalho. Na pesquisa de campo

aprendi que seja para ministrar aulas ou para realizar uma pesquisa é preciso chegar de forma leve na sala de aula conquistando os alunos. Enfim posso afirmar que aprendi mais do que ensinei, uma vez que pude ter um contato mais direto com os alunos.

Nas observações de aula que realizei, além de observar a turma e constatar aspectos relevantes para a minha pesquisa como a relação dos alunos com a leitura e se o professor trabalha com o texto dramático em suas aulas, pude perceber como é realizado o processo de ensino aprendizagem na sala de aula. Um processo que pude perceber nessas observações é a relação professor-aluno. Como o professor lida com as dificuldades de leitura e escrita dos alunos, e com a falta de indisciplina de alguns alunos que não querem participar das atividades propostas, e como esses alunos se relacionam entre si, quais as suas relações com os demais colegas de classe, e como a falta do trabalho com a leitura na sala de aula pode prejudicar a aprendizagem dos alunos.

Com a aplicação da dinâmica constatei que há maneiras lúdicas de se coletar informações, sem ser pelos métodos tradicionais. O trabalho com a dinâmica mostrou de forma bem clara qual a concepção dos alunos sobre texto dramático e isto foi muito importante para a compreensão de quais caminhos a pesquisa deveria seguir. Mostrou, por exemplo, que havia a necessidade de mostrar a esses alunos o que era um texto dramático e como ele se constitui, já que eles precisavam saber o que estavam lendo, para formar sua opinião sobre o texto.

Com a entrevista percebi que o gênero dramático infelizmente é deixado de lado em nossas salas de aula. Na verdade, o trabalho com gêneros literários é de um modo geral, muito pouco, o que é uma pena porque não só o gênero dramático, mas a literatura, em qual, em si é riquíssimos, pois traz em seus escritos aspectos que levam o leitor a se envolver em sua escrita, a exemplo do narrar “mostrando” do texto dramático, que nos proporciona fazer parte integrante da história, dando aos alunos a chance de conhecer e vivenciar o texto.

O debate com os alunos sobre texto dramático me mostrou que temos que discutir e ouvir os alunos, pois eles têm muito a dizer e a perguntar. Com o debate pude tirar muitas dúvidas sobre o que é um texto dramático tentando mostrar para os alunos que o texto dramático é aquele feito dos nossos próprios conflitos, e que apesar do texto dramático se parecer com um texto narrativo, há diferenças na estrutura de um e de outro. Uma desta diferenças refere-se à presença do narrador, no texto narrativo, é à sua ausência, no texto dramático, no qual a história narrada mediada pela ação e pelas falas dos próprios personagens.

O trabalho com o texto de Lourdes Ramalho foi muito bom, porque os alunos puderam se aproximar de uma outra maneira de ver a cultura da região Nordeste, uma vez que Lourdes é uma autora paraibana que os alunos não conheciam. Trabalhar “O Diabo religioso” foi muito importante porque o texto é muito atual e traz críticas a muitos problemas graves da realidade brasileira, como o uso de drogas e na política, ampliando assim a visão de mundo dos alunos, tornando mais críticos, e possibilitando-lhes desenvolver esses problemas uma outra consciência a respeito do que vem a ser a tão falada cidadania.

Por último a leitura e a produção escrita realizadas pelos alunos foram muito proveitosas. Houve uma participação ativa dos alunos da leitura, e isso se refletiu em suas escritas, em que foram destacados elementos centrais do texto, como os diálogos, e sua temática.

Posso afirmar que foi muito satisfatório constatar que dois alunos conseguiram identificar o texto lido como sendo do gênero dramático. Este foi um relevante momento da minha pesquisa, percebi que mesmo em pouco tempo os alunos puderam quando o seu “leque” de conhecimento sobre textos literários e leitura. Percebi também que a pesquisa contribuiu para o fazer pedagógico do professor, porque ele nunca havia trabalhado o texto dramático em nenhuma de suas salas de aula, e espero que com a experiência da leitura do texto dramático ele passe a trabalhar esse gênero.

Portanto posso dizer que o trabalho com o gênero dramático foi muito satisfatório para a construção do meu percurso acadêmico-profissional, em particular por ter me evidenciado a possibilidade de metodologias alternativas para se diagnosticar elementos relevantes em uma pesquisa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a pesquisa realizada foi significativa para a minha futura carreira docente e para a construção da aprendizagem dos alunos e do professor, pois trouxe para ambos um contato com o texto dramático e com a obra de Lourdes Ramalho, beneficiando, já que nunca haviam tido contato com esse gênero literário, nem com a autora do texto lido.

Ao longo da pesquisa de campo e bibliográfica, percebi como a leitura de gêneros literários em sala de aula pode estimular a leitura, ampliando a bagagem de leitura dos alunos.

Verifiquei também como foi importante realizar com os alunos a leitura do texto dramático, uma vez que seu conhecimento do texto dramático era por demais limitado. Com a experiência eles puderam compreender que, além de ser material de base para uma encenação, o texto dramático pode ser lido como matéria literária autônoma.

A leitura da obra de Lourdes Ramalho foi importante porque os alunos, além de perceber como se estrutura um texto dramático, tiveram contato com a escrita de uma dramaturga de destaque no contexto teatral da região Nordeste.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Valéria; LÚCIO, Ana Cristina M. Teatro para crianças: um reino encantado na dramaturgia de Lourdes Ramalho. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro de Lourdes Ramalho: Maria Roupas de Palha e outros textos para crianças**. Organização, estabelecimento de texto e introdução de Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Bagagem, 2008. (Coleção Teatro de Lourdes Ramalho).

ANDRADE, Valéria, **Lourdes Ramalho: Viver e Fazer Viver a Vida e o Teatro: A feira: O trovador encantado**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

\_\_\_\_\_. **Quem é Lourdes Ramalho**. Disponível em: <<http://www.lourdesramalho.com.br/vida/index.htm>.> Acesso em: 01 de maio de 2013.

BALL, David. **Para diante e para trás: um guia de leituras de peças teatrais**. Tradução de Leila Coury. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos; 163).

CANDIDO, Antonio, **Vários escritos**. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

COSTA, Kelly Sheila Inocêncio. O boi e o burro a caminho de Belém... e da sala de aula. In: PINHEIRO, Helder; COSTA, Kelly S. I.; LACERDA, Andréa M. de A. (orgs). **Teatro infantil e cultura popular**. Campina Grande: Bagagem, 2005. p. 45-80.

D' ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1994.

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade. **Teoria da Literatura "revisada"**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GOMES, André L. (org.). **Leio Teatro**. São Paulo: Horizonte, 2010.

KOCK, Ingedore Villaça, **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, (Primeiros Passos, 74).

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 3. ed Campina Grande: Bagagem, 2008.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: ROSENFELD, Anatolet. al. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. O diabo religioso. In: \_\_. **Teatro Infantil: coletânea de textos infanto-juvenis**. Campina Grande: RG, 2004. p. 53-60.

ROSENFELD, Anatol. **A Arte do teatro: aulas de Anatol Rosenfeld (1968)**. São Paulo: Publifolha, 2009.

SOLÉ, Isabel, **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Roberto Acizelo Quelha. **Teoria da Literatura**. 9.ed.- São Paulo: Ática, 2004.

TADEU, Eugênio, **Um Ponto de Vista sobre o Teatro para Crianças**. Subtexto: Revista de Teatro do Galpão Cine Horto. Belo Horizonte, Centro de Pesquisa e Memória do Teatro. Nº 8, dez. 2011p 17-22.

ZIRBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## **APÊNDICE A**

**PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS,  
SOBRE O TEXTO “O DIABO RELIGIOSO”**



Relatório

E

O texto foi legal pois ele é composto por rimas, o que deixa a aula mais divertida, fala que o político é pior que o diabo, fala que os filhos do diabo não conseqüem fazer coisas ruins, porabi que no texto tinha as funções de linguagem, ~~nessa~~ ~~nesse~~ nesse texto tinha função Referencial, metalinguística, fática e outras.

Bernard de Moraes

9 ano

## Relatório

EMERSON B. RIBEIRO

Eu achei legal o texto e interessante!!!

Falou que o diabo era religioso KKKK, imagina  
o diabo fazendo uma oração!!!

Entendi que os políticos não são humanos  
que nem o diabo pode!!!

O diabo tem dois filhos um bom e outro  
nem mais nem um dos dois conseguem fazer  
o mal!!!

É no final os dois doerem na missão para  
notar o político!!!

O texto foi bem legal teve um grande dialogo que fala quase de mesmo cotidiano fala de religião de politica e lugares belidos e o titulo do texto ele fa da quase de todo o sentido do texto e o que chama atenção e que o dialogo e o ponto ~~no~~ no final se uniram pra acabar com o politico

THOMAS N° 11

m

Alcides

6

9º ato "A"

O texto tem boa legal bem interessante parte muito, ~~o~~ parte de  
 parte em que os filhos do dia não conseguem pagar o mês as personagens  
 tem legal. na aula vamos abordar as funções da linguagem notamos que  
 neste texto tem funções referencial, metalinguística, falcatralando também que isso  
 é um texto dramático. • o texto também nos ensina que não devemos cair em  
 mentiras e as multatões e que devemos calar em os casos legais.

FLAVIANO SÉRIE GENO Nº 09 Relatório.

Este texto chamou muito atenção, gostei da  
ferrugem e os nomes deles, o diálogo  
entre eles foi muito bom, eu acho que  
este texto é muito legal para a pessoa  
ler para ler. na maior parte do texto  
é poesia, a ferrugem não muito legal.  
eu fiz o texto ser um pouco extran-  
gado, divertido, e é muito interessante

0

Ou a tua obra seja a respeito do Teto por um outro religião  
 que tem interesse as personagens que tinha  
 que os diálogos são legais tem interesse o tema interessante  
 que fala também sobre o Político e que fala que o  
 Político tem suas maldades, fala também de música com  
 as drogas o modo como da obra e tal.  
 e que fala também que em todo lugar podemos encontrar  
 pessoas dessas formas ou formas de que mostram esse  
 Teto dramático e além disso bem engraçado, divertido.  
 que pode não passar muitas coisas em relação as práticas  
 vividas.

2


  
 # anos

## **ANEXO A**

### **FOTOS DA REALIZAÇÃO DA DINÂMICA E DA LEITURA DE “O DIABO RELIGIOSO”**

**Foto 01 - Material utilizado na dinâmica sobre texto dramático**



Acervo: Inácia Uênia

**Foto 02 - Realização da dinâmica sobre texto dramático**



Acervo: Inácia Uênia.

**Foto 03- Leitura do texto “O Diabo Religioso”**



Acervo: Inácia Uênia



**ANEXO B**

**RESPOSTAS DA ENTREVISTA REALIZADA COM O  
PROFESSOR**

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
 Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido- CDSA  
 Unidade Acadêmica de Educação do Campo- UAEDUC

- 1- Você procura estimular a leituras literárias em sala de aula, ou seja, a leitura de textos literários?

Sim, pois através de seminários é sugerida a leitura de textos literários.

- 2- Em sua opinião qual a importância de se estimular esse tipo de leitura por meio de diferentes gêneros literários? Em sua prática de sala de aula que gêneros literários você já utilizou no incentivo a esse tipo de leitura?

É importante promover a prática de leituras por meio de diferentes gêneros literários, porque auxilia no conhecimento de diversas manifestações literárias, bem como o gosto literário pode ser alcançado por um conto, romance ou outra forma de manifestação de texto literário.

Nas aulas destinadas à leitura literária são utilizadas com mais frequência contos, histórias e romances.

- 3- Você já trabalhou a leitura literária por meio textos dramáticos? Se já trabalhou quais os autores e obras utilizados?

Não.

- 4- Para você os alunos trazem de outras séries alguma bagagem sobre a leitura de texto dramático? Ou o seu conhecimento sobre texto dramático esta voltado apenas para a encenação e nunca para a leitura? E você pessoalmente tem experiência de leitura de textos dramáticos? Em caso afirmativo qual a sua experiência?

Os alunos não trazem de outras séries bagagem de leitura de texto dramático, mas o entendem apenas como encenação.

Na minha prática profissional tenho contato com a leitura dramática, pois promovo anualmente eventos literários que exigem esse tipo de leitura.

5- Você conhece as obras da dramaturga Lourdes Ramalho? Já trabalhou alguma em sala de aula?

Sim, conheço! Já trabalhei as obras *O caudal* que desecava dinheiro e *Guinomar*, sem rir, sem chorar.

6- Em sua opinião como deve ser o trabalho com textos dramáticos em sala de aula?

O trabalho com textos dramáticos deve seguir uma sequência didática que contenha apresentações do assunto aos alunos, textos exemplares para promover o contato com a leitura, produções e encenações de textos produzidos pelos alunos.

7- Em sua opinião seria importante incentivar a leitura de textos literários na sala de aula, por quê?

Sim, assim como é importante incentivar a prática de qualquer leitura, o estímulo à leitura de textos literários pode despertar o gosto pelo hábito da leitura, mais ainda porque a leitura literária causa um prazer que os textos científicos não despertam, às vezes.